

Documentário e leituras urbanas: notas sobre o 15M

Documentary and urban readings: notes on the 15M

Documental y lecturas urbanas: notas sobre el 15M

TRAMONTANO, Marcelo

*Professor Associado Doutor, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP),
tramont@sc.usp.br*

TEIXEIRA, Pedro

*Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
(IAU-USP), pedrot@usp.br*

RESUMO

Este artigo discute a inclusão de metodologias transdisciplinares no campo da Arquitetura e Urbanismo para o desenvolvimento de leituras urbanas. Por meio de práticas ligadas, principalmente, aos campos do audiovisual e da antropologia visual, busca debater novas formas articulativas de realização de filmes documentários que contribuam para a complexificação dessa visão. Nesse sentido, sugere formas de organização horizontal em processos colaborativos de produção de documentários baseados em roteiros produzidos coletivamente por seus participantes. Apresenta o caso do filme "15M Linguagens", desenvolvido por pesquisadores do Nomads.usp, que trata das manifestações populares contra atitudes governamentais, envolvendo diversos atores sociais na cidade de São Carlos, SP, e explora recursos audiovisuais na construção de narrativas sobre dinâmicas urbanas.

PALAVRAS-CHAVES: 15M, audiovisual, pensamento sistêmico, leituras urbanas, metodologias.

ABSTRACT

This article discusses the inclusion of transdisciplinary methodologies in the Architecture and Urbanism field for the development of urban readings. Through practices related mainly to the audiovisual and visual anthropology fields, it seeks to discuss new articulation forms of making documentary films that contribute to the complexity of this vision. In this sense, it suggests forms of horizontal organization in collaborative processes of documentary production based on scripts produced collectively by its participants. It presents the case of the film "15M Lenguajes", developed by researchers of the Nomads.usp, that deals with popular manifestations against governmental attitudes, involving several social actors in the city of São Carlos, SP, and explores audiovisual resources in the construction of narratives about urban dynamics.

KEY WORDS (3 a 5): 15M, audiovisual, systems thinking, urban readings, methodologies.

RESUMEN

Este artículo discute la inclusión de metodologías transdisciplinares en el campo de la Arquitectura y el Urbanismo para el desarrollo de lecturas urbanas. Por medio de prácticas ligadas, principalmente, a los campos del audiovisual y de la antropología visual, busca debatir nuevas formas articulativas de realización de películas documentales que contribuyan a la complejidad de esa visión. En ese sentido, sugiere formas de organización horizontal en procesos colaborativos de producción de documentales basados en guiones producidos colectivamente por sus participantes. Presenta el caso de la película "15M Languages", desarrollado por investigadores del Nomads.usp, que trata de las manifestaciones populares contra actitudes gubernamentales, involucrando a diversos actores sociales en la ciudad de São Carlos, SP, y explora recursos audiovisuales en la

construcción de narrativas sobre dinámicas urbanas.

PALABRAS CLAVE: 15M, audiovisual, pensamiento sistémico, lecturas urbanas, metodologías.

1 O REGISTRO DA CIDADE PELO DOCUMENTÁRIO

O progresso dos meios técnicos ocorrido, principalmente, no segundo pós-guerra, contribuiu para o desenvolvimento do filme etnográfico. Além de munir estudiosos do campo da antropologia de instrumentos de registro mais acessíveis e completos, o intenso desenvolvimento do momento, segundo Emilie de Brigard (1995, p. 14, *tradução nossa*), “facilitou o desenvolvimento do filme etnográfico, do fragmentário e idiossincrático ao sistemático e completo”. Mais ainda, a autora aponta que “a possibilidade mais empolgante dos filmes etnográficos é permitir que muitos que não o fizessem - entre eles, aqueles cujo conhecimento especializado dirige os afazeres dos homens - vejam, nova e ricamente, a gama de padrões no comportamento do homem” (DE BRIGARD, 1995, p. 15, *tradução nossa*). E qual seria o mais importante produto desses padrões de comportamento, se não a cidade?

Steven Johnson, ao narrar a história de Friedrich Engels em Manchester, observa que a paisagem urbana é resultado de “padrões de movimento humano e de tomada de decisão que foram gravados na textura dos quarteirões da cidade, padrões que são então devolvidos aos próprios residentes de Manchester, alterando suas decisões subsequentes” (JOHNSON, 2012, p. 32, *tradução nossa*). Nesse sentido, o filme etnográfico mencionado por Emilie de Brigard encontra sua forma não apenas no registro de indivíduos, grupos e sociedades, mas também na sua organização maior – a própria cidade.

O registro proporcionado pelo filme etnográfico, como já colocado, é mais do que possibilidades de leituras antropológicas e urbanas: é um exercício de observação, reflexão e transformação a partir de novas perspectivas. Os filmes etnográficos são, desse ponto de vista, documentários. Tal afirmação encontra sentido quando entende-se que

os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmicas do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social (NICHOLS, 2005, p. 27).

O caráter do documentário de representar questões, problemas e soluções encontra força quando reconhecido como um tratamento criativo da realidade, e não como sua transcrição. Para Bill Nichols (2005, p. 68), “os documentários reúnem provas e, em seguida, utilizam-nas para construir sua própria perspectiva ou argumento sobre o mundo, sua própria resposta poética ou retórica para o mundo”. Para tanto, deve-se ressaltar o vínculo indexador do audiovisual na construção dessas narrativas, ao

passo que a imagem e o som transformam o caráter estritamente documental do filme em uma narrativa construída a partir de um ponto de vista particular. Essa marca do documentário permite “uma oscilação entre o reconhecimento da realidade histórica e o reconhecimento de uma representação sobre ela” (NICHOLS, 2005, p. 68), contribuindo para o desenvolvimento de narrativas singulares que, se produzidas e conduzidas coletivamente, possibilitam a complexização de suas leituras, embasadas nas perspectivas de um observador e nas interpretações desses registros, tanto por outros observadores, quanto por aqueles e aquilo que estão sendo observados.

2 MÉTODOS PARA A ARQUITETURA E URBANISMO

O documentário provoca um rompimento com a tendência totalizante e totalizadora dos roteiros, mostrando-se como uma prática engajada no mundo (COMOLLI, 2008). Para Jean-Louis Comolli, o documentário seria o “cinema como *práxis*”, uma vez que, subvertendo-se e afastando-se do controle e da onipotência dos roteiros, esse gênero depara-se com as inconstâncias das realidades e dos sujeitos a quem pretende registrar. Comolli nota que

Desta dificuldade que lhe é imposta de alguma maneira “de fora”, o cinema documentário tira todas as suas riquezas. Obrigação de experimentar, de tentar aproximações ajustadas às armadilhas sempre novas do mundo a filmar. Obrigação de imaginar, de testar, de verificar os dispositivos da escritura - inéditos na medida em que eles só podem estar intimamente ligados a um lugar particular, um traço do mundo (COMOLLI, 2008, p. 177).

O exercício de se pensar o documentário como meio de fornecer possibilidades para os estudos sócio-urbanos a partir da perspectiva da Cibernética de Segunda Ordem exige uma reflexão sobre modos de engajamento e desenvolvimento de processos que envolvem a colaboração entre observadores e observados em sua totalidade. Essa reflexão corrobora a discussão antropológica proposta por Margareth Mead no artigo *Visual Anthropology in a Discipline of Words*, no qual a autora coloca que o processo de construção de um documentário constitui “uma inclusão articulativa, imaginativa, das pessoas que estão sendo filmadas no processo como um todo – inclusão no planejamento e programação, no próprio filme, e na edição do filme^{iv}” (1995, p. 8, *tradução nossa*).

Além da relevância da participação do observado na produção do documentário, é importante ressaltar a interação do observador com os componentes observados. A partir dessa lógica, todos aqueles que desejam registrar suas percepções devem estar dispostos a trocar informações com seu entorno, contribuindo para uma construção recíproca. Aproximando a visão antropológica de Jean Rouch ([1975] 1995, p. 96, *tradução nossa*) para outros campos do conhecimento, temos que:

A técnica extraordinária de “*feedback*” (que eu traduzo como “contra-doma audiovisual”) a ainda não revelou todas as suas possibilidades, mas já podemos ver que, graças a o *feedback*, o antropólogo não é mais um entomologista observando seu assunto como se fosse um inseto (rebaixando-o), mas como se fosse um estimulante para compreensão mútua (consequentemente dignidade)^v.

A possibilidade de se experimentar novos modos de registrar e exibir aquilo que se deseja representar, nesse sentido, é permeada por todo o seu percurso, do planejamento à exibição. Esse cenário complexo representa a possibilidade de se apreender e compreender as emergências providas das inter-relações dentro do sistema observado. Por esse viés, o documentário abre precedente para a criação e apuração de visões sobre o espaço e propicia o desenvolvimento de um campo dinâmico baseado na correlação entre criação e crítica; um espaço que potencializa a exploração e consolidação desses meios para a produção de leituras urbanas pautadas em subjetividades e, concomitantemente, nas coletividades.

3 O REGISTRO DO COTIDIANO POR MEIO DO DOCUMENTÁRIO: 15M

A constituição do documentário como prática metacrítica e produtora de história, fornece bases para a compreensão da relevância de se registrar práticas, ações e acontecimentos cotidianos. Foi a partir dessa lógica que pesquisadores do Nomads.usp procuraram aplicar procedimentos metodológicos ligados ao audiovisual, no dia 15 de Maio de 2019, durante a manifestação 15M, em São Carlos, SP. Simbólica, a data marca também a insurgência de movimentos ocorrida na Espanha, em 2011, contra políticas de austeridade social, o modelo político representativo do país e a consequente mercantilização da democracia. Por meio de uma organização híbrida, pautada em práticas físicas, destacando-se a ocupação da praça Puerta del Sol e ações digitais, o movimento conhecido como “Indignados” revelou novas possibilidades de arranjos sociais e novas formas de se pensar o espaço em processos de tomada de decisão por parte da população (SILVA; BERNARDES, 2015).

A estruturação híbrida do 15M espanhol, dentre os seus diversos impactos sobre a organização sociopolítica, implicou em novos arranjos relativos à produção audiovisual. Nuria Vila Alabao (2013) afirma que o 15M contribuiu para uma reformulação no consumo de produções independentes, de oposição àquelas ligadas aos grandes meios de comunicação, dentro de plataformas digitais como, por exemplo, redes sociais. Para ela, “discursos ou informações que agora podemos ler ou ver na mídia tradicional, há uma década atrás só eram difundidas em espaços ‘alternativos’^{vi}” (ALABAO, 2013, p. 55, *tradução nossa*). Deste modo, Alabao (2013) aponta que esse tipo de manifestação, denominada

videoativismo, se coloca como uma cultura popular de oposição, uma vez que esse tipo de consumo se torna cada vez mais difundido a partir de plataformas digitais como, por exemplo, o Youtube.

15M em São Carlos

O 15M brasileiro de 2019, permeado pelo atual contexto político do país, revela aproximações aos grupos “Indignados” que vêm, desde a Primavera Árabe do final de 2010, manifestando-se contra ações principalmente governamentais. Por meio da organização híbrida entre redes sociais e atos *in situ*, esses grupos opositores vêm se movimentando a respeito de pautas econômicas, sociais, educacionais, ambientais, dentre outras, que implicam em consequências diretas e indiretas ao cotidiano de indivíduos e grupos.

Entremado por inúmeras discussões, o 15M representou a possibilidade de reunião de diferentes vozes, perspectivas e subjetividades em um mesmo espaço. Grupos de estudantes, sindicalistas, indígenas, servidores públicos e outros “indignados” reivindicando pautas que, unidas, tomaram força e tornaram visíveis experiências e problemas próprios de cada nicho, mas estruturalmente conectados quando analisados detidamente.

Em São Carlos, 15 mil pessoas aderiram à manifestação. Com campi de duas universidades públicas de grande porte - a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), além do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) -, a cidade é um expressivo polo educacional e tecnológico. Junto a grupos como trabalhadores sindicais, militantes políticos de diferentes partidos, e da sociedade local, o movimento agregou múltiplas vozes advindas da experiência desses atores. Fosse pelos cortes orçamentários das universidades públicas, a CPI do Estado de São Paulo, Reforma da Previdência ou questões étnico-raciais, por exemplo, essa multidão despertou indagações ao Nomads.usp: como potencializar o discurso das milhares de vozes desse movimento? Como interpretar essas várias manifestações e ampliar seu entendimento pela população em geral? Num contexto de crítica ao isolamento acadêmico frente à sociedade, como associar o trabalho produzido na universidade a essas vozes na cidade, em um movimento de construção mútua apoiado pela lógica sistêmica do pensamento complexo?

15M Linguagens: o documentário como meio de leitura

Como parte de pesquisas em curso no Núcleo que exploram potencialidades e limites do audiovisual, buscou-se interpretar diferentes camadas observadas dentro do 15M a partir da construção de



narrativas via captura e edição de imagem e som. Além disso, apesar de todos os quatro participantes deste experimento serem da área de Arquitetura e Urbanismo, eles têm níveis de formação distintos: um professor Livre-docente, uma doutoranda e professora universitária, um mestrando e um graduando. O filme está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LCRTopO7b0o>.

O experimento desenvolvido em torno do 15M faz parte das atividades propostas pelo Projeto DocNomads, organizado pelo Núcleo para a realização de exercícios exploratórios audiovisuais baseados em referenciais selecionados, visando a construção e o desenvolvimento de leituras de dinâmicas urbanas. O projeto objetiva, ainda, incorporar linguagens e narrativas audiovisuais como procedimento de pesquisa às investigações desenvolvidas no Núcleo, ampliando seu leque metodológico.

Previamente ao 15M, os pesquisadores discutiram a preparação para o dia do evento, procurando compreender as pautas do movimento, o trajeto do cortejo e a programação do dia, definida em assembleias nas universidades. Na manifestação, os pesquisadores tiveram liberdade de gravar aquilo que achassem interessante, juntamente com outros pesquisadores do Núcleo, utilizando desde equipamento profissional de captura de imagem e som, até aparelhos celulares. Ao longo do percurso, cada pesquisador registrou livremente a sua percepção, deslocando-se individualmente ou em grupos em função daquilo que pretendia observar e capturar. Por tratar-se de uma manifestação pública de cunho político, os integrantes do cortejo mostraram-se extremamente receptivos às gravações.

Todas as imagens produzidas foram armazenadas e organizadas em um repositório virtual em nuvem, constituindo uma base comum disponível para alimentar a edição de filmes por todos os pesquisadores. Após seleção pelos autores dos vídeos, o repositório reuniu 354 arquivos digitais de duração variada. Esta metodologia de livre compartilhamento de arquivos para edição de vídeos vem sendo utilizada com sucesso em diversas práticas do Núcleo.

O roteiro de montagem do filme final foi discutido pelos quatro pesquisadores após o dia do evento, a partir de suas experiências na manifestação, as preocupações das pesquisas em curso e suas referências teóricas, e a visualização de todo o material gravado. Definiu-se que a edição trataria da manifestação como um todo complexo, segundo a formulação de Edgar Morin (2011), descrevendo e examinando, no entanto, algumas das partes que o compunham de forma descritiva e analítica, com o mínimo de informação textual adicionada pelos editores.



O evento foi dissecado em sete partes constitutivas, referentes a sete elementos de linguagem identificados nas ações dos manifestantes, buscando-se, no material produzido, imagens e sons que permitissem sua observação crítica: 1. Corpos e gestos individuais portadores de informação, 2. A multidão como corpo, 3. Palavras de ordem gritadas coletivamente, 4. Palavras de ordem em cartazes, 5. Discursos orais e em aulas públicas, 6. Expressões musicais, e 7. Diálogos entre universitários e a população. Cada um dos quatro pesquisadores responsabilizou-se pela edição de um ou dois destes temas, com liberdade de uso do material gravado, de escolha de técnicas de edição, e da construção de narrativas e sequências. O processo de edição foi colaborativo e não-hierárquico, entendendo, portanto, a equipe de edição também como um sistema complexo, no qual seus integrantes conversavam entre si, participando da escolha de excertos para cada parte do filme e opinando sobre sua edição final.

As cinco partes que agrupam os temas definidos coletivamente constituem pequenos filmes curtos relativamente autônomos, e compõem o produto final, com 18 minutos de duração. Desta forma, a noção de relação entre parte e todo e seus níveis de observação, presente na manifestação em si, foi explorada, de múltiplas maneiras, tanto no roteiro e estrutura do documentário final, quanto na construção de uma narrativa audiovisual plural, e no próprio processo de trabalho da equipe de captura e edição.

Parte 1: O corpo na multidão, a multidão como corpo

Concepção e edição: Rodolfo Martins. Em um primeiro momento, o filme recorta e enfatiza gestos, atos, movimentos e expressões particulares de indivíduos, visando mapear comportamentos e subjetividades expressas na multidão. Como uma lupa, a câmera procura, na massa de pessoas, elementos corporais portadores de informação, em um exercício fundamentalmente visual. Em um segundo momento, realiza uma leitura em maior escala, na qual a multidão se torna o corpo analisado, composto pela conjugação de indivíduos e grupos, atores sociais presentes na manifestação.

Parte 2: Gritos ouvidos, gritos escritos

Concepção e edição: Pedro Teixeira. Através da exploração de cortes e transições audiovisuais, o filme propõe uma observação pautada na escuta e na visão, organizando registros dos grupos participantes do cortejo, suas demandas individuais e coletivas, explorando aproximações entre escrita e oralidade. Sua estruturação baseia-se em uma narrativa que justapõe a força de frases gritadas e escritas em

cartazes e faixas, suas intensidades e elementos próprios, evidenciando conexões e similaridades entre protestos orais e escritos na multidão de 15 mil pessoas.

Parte 3: Discursos

Concepção e edição: Juliana Trujillo. O filme sugere uma construção possível do discurso comum aos participantes do protesto através de falas individuais, captadas no evento. A escolha de não inclusão de imagens confere total protagonismo ao som, tratando-o como um personagem central do filme, e convidando o espectador à escuta atenta. As falas foram captadas em aulas públicas, entrevistas rápidas, discursos no carro de som, entre outras, e, além de constituir partes autônomas, participam da composição de uma versão única do discurso da multidão.

Parte 4: A música e o tecer junto

Concepção e edição: Marcelo Tramontano. Apoiando-se no conceito de complexidade (*com+plectere* = tecer junto), as expressões musicais presentes na manifestação são lidas separadamente mas também relacionadas ao todo composto pelo cortejo, através de sobreposições e transições visuais. O filme evidencia as singularidades de cada grupo musical, simultaneamente associando-o à multidão, reconhecendo cantos, danças e ritmos como elementos capazes de ecoar brados que, isolados, não teriam o mesmo alcance. As expressões musicais selecionadas atuam, ainda, como citações a, por exemplo, reivindicações de grupos étnicos, e à própria história dos movimentos operários no mundo.

Parte 5: Diálogos, a partilha

Concepção e edição: Marcelo Tramontano. Substituindo-se o som local por uma longa percussão coletiva, a câmera acompanha os contatos entre pesquisadores e frequentadores da área central da cidade, durante a apresentação pública de processos e produtos desenvolvidos nas universidades. A edição não aborda o conteúdo das falas de uns e de outros, nem mesmo o escopo dos trabalhos apresentados, mas o ato de dialogar e de estabelecer contato entre os mundos da universidade e da cidade. A partilha de conhecimento enquanto *locus* de comunicação é visualmente tratada como um todo em escala de cinza, enquanto os diálogos são evidenciados por filtros em tons de azul.

4 CONCLUSÃO

A produção do filme 15M Linguagens sugere a possibilidade de extensão de métodos de observação ao campo da Arquitetura e Urbanismo, em direção a práticas transdisciplinares envolvendo cinema, antropologia visual, estudos culturais, estudos urbanos, teoria cibernética e pensamento complexo. Buscando formular modos de compreensão da cidade e suas dinâmicas, e valorizando não apenas questões arquitetônicas e urbanísticas, o filme consiste em um exercício de aplicação do pensamento sistêmico à leitura de espaços, sujeitos, ações e elementos urbanos, ainda que trate de um evento excepcional no espaço público.

O filme também visa contribuir para reflexões sobre o uso do documentário nestes processos de leitura, oferecendo experimentações narrativas, ora com protagonismo visual, ora sonoro, ora utilizando-se de recursos simples de edição para mapear, nas sequências produzidas, elementos significativos para a leitura pretendida. Além de observar relações entre o espaço público e seus usos - aqui efêmeros -, este experimento explora modos distintos de se utilizar recursos audiovisuais na abordagem de tais relações, sugerindo um procedimento de construção de um possível léxico audiovisual, a partir da edição de imagens e sons gravados.

A organização do trabalho de captura e edição de imagens e sons, pautada pelo pensamento complexo e os níveis de observação propostos pela Cibernética de Segunda Ordem, resultou em um processo colaborativo e não-hierarquizado, propiciando o desenvolvimento de filmes curtos que, apesar de carregarem visões subjetivas em sua lógica particular de edição, são permeados por observações alheias. Além de complexificar as leituras sobre aquilo que se registrou, esta metodologia horizontal de trabalho permite a exploração e ampliação de ideias, e discussões mais aprofundadas, com constante debate e trocas de informação entre os participantes.

O documentário 15M Linguagens é parte de um processo de pesquisa desenvolvido pelo Nomads.usp nos últimos dez anos. A exploração de leituras urbanas por meio do audiovisual é uma prática recorrente do Núcleo, que tem realizado atividades acadêmicas variadas, como *workshops* no Brasil e no Exterior, disciplinas de pós-graduação, e ações de formação e capacitação, ligadas projetos de pesquisa de maior porte, como o Projeto de Políticas Públicas Territórios Híbridos (financiamento FAPESP), o Frontier Zones (financiado pelo DAAD) e a ação CentroSP (no âmbito da 11a. Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo).

5 REFERÊNCIAS

15M Linguagens | 15M Languages | Projeto DocNomads. Filme, 18 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LCRTopO7b0o>. Acesso em 12 jun. 2019.

ALABAO, N. Videoactivismo 2.0: revueltas, producción audiovisual en torno al 15M y cultura libre. In: Calleja - López, A. et al. (Eds.). *15MP2P. Una mirada transdisciplinar del 15M*. Barcelona: Open University of Catalonia, 2014.

COMOLLI, J. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DE BRIGARD, E. The History of Ethnographic Film. In: Hockings, P. (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*, The Hague: Mouton, 1995.

JOHNSON, S. *Emergence: the connected lives of ants, brains, cities, and software*. Estados Unidos: Scribner, 2012.

MEAD, M. Visual Anthropology in a discipline of words. In: Hockings, P. (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*, The Hague: Mouton, 1995.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

ROUCH, J. The Camera and Man. In: Hockings, P. (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*, The Hague: Mouton, 1995.

SILVA, E. A.; BERNARDES, M. S. Tecnopolítica e a multidão em rede: do movimento 15-M às manifestações de junho de 2014 no Brasil. In: *Anais. Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade*. 2015, Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2015. p. 1-15.

6 NOTAS

ⁱ “[...] has facilitated development of ethnographic film from the fragmentary and idiosyncratic to the systematic and thorough”.

ⁱⁱ “The most exciting possibility of ethnographic films is to enable many who would not otherwise do so - amongst them, those whose specialized knowledge directs men’s affairs - to see, newly and richly, the range of patterns in the behavior of man”.

ⁱⁱⁱ “They are patterns of human movement and decision-making that have been etched into the texture of city blocks, patterns that are then fed back to the Manchester residents themselves, altering their subsequent decisions”.

^{iv} “They are patterns of human movement and decision-making that have been etched into the texture of city blocks, patterns that are then fed back to the Manchester residents themselves, altering their subsequent decisions”.

^v “This extraordinary technique of ‘feedback’ (which I translate as ‘audiovisual counter-gift’) has certainly not yet revealed all of its possibilities, but we can see already that, thanks to feedback, the anthropologist is no longer an entomologist observing his subject as if it were an insect (putting it down) but rather as if it were a stimulant for mutual understanding (hence dignity).

^{vi} “Discursos o informaciones que ahora podemos leer o ver en medios de comunicación tradicionales, hace una década sólo tenían difusión en espacios ‘alternativos’”.